

UM PERIFÉRICO NO CENTRO: UMA LEITURA DA CIDADE DE RECIFE NA OBRA DE MIRÓ

Mariana de Matos Moreira Barbosa¹

RESUMO: Este artigo aborda a relação entre a cidade de Recife e suas representações em um recorte da produção poética do escritor Miró, compilada no livro *Miró até Agora*, editado pela Fundarpe. Tendo como referência o cotidiano social do autor, pretende-se destacar sua apreensão individual a respeito da realidade coletiva, que recria a cidade por meio de sua leitura poética. No presente artigo, propomos observar a cidade de Recife por meio de dinâmicas cotidianas e processos que afetam o homem como sujeito social, dentro do espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Cidades; Recife; Sociedade; Memória

ABSTRACT: This article approaches the relationship between the city of Recife and its representations in a part of the poetic production of the writer Miró, compiled in the book *Miró até Agora*, edited by Fundarpe. With reference to the social daily life of the author, it is intended to highlight his individual apprehension regarding the collective reality, which recreates the city through his poetic reading. In the present article, we propose to observe the city of Recife through daily dynamics and processes that affect man as a social subject in the urban space.

KEYWORDS: Literature, Cities, Recife, Society, Memory

1. O convite de quem se desloca a pé

Quando se chega a uma cidade pela primeira vez, manifesta-se em muitos de nós, o desejo por uma espécie de bússola. Esta bússola que orienta nosso deslocamento pode ser um guia turístico-cultural ou até mesmo um mapa socioeconômico. Promovemos, com esta escolha, um recorte do que é possível experimentar neste lugar a que recém chegamos.

Se a cidade que se aporta pela primeira vez é Recife, e quem chega tem desejo em conhecer o cotidiano social e a realidade bruta deste lugar, a poesia do poeta Miró serve como guia-maior. Nos convida a cruzar pontes, observando os carros que as cruzam e os indivíduos que nos arredores moram. Nos convida a perceber o contraste entre a beleza geográfica da cidade e a correnteza que empurra a população de baixa renda para longe da paisagem postal.

¹ Poeta graduada em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

O poeta empresta seu lugar de fala a muitos invisibilizados e representa, em seu campo discursivo, elementos do cotidiano que normalmente passam despercebidos. Sua produção poética auxilia no entendimento das relações de poder estabelecidas na cidade e funciona como um convite a observá-la com a atenção que só é possível a quem anda a pé.

2. O poeta de Recife

Miró nasceu João Flávio Cordeiro da Silva, na Encruzilhada, Recife/PE, em 1962. Iniciou-se no universo literário por intermédio de amigos. Em 1985, após frequentar recitais na UFPE, conseguiu suporte para publicação de seu primeiro livro. A mudança para a Muribeca, por despejo (após a construção do Hospital Oswaldo Cruz), demarcou o fim de uma série de peregrinações por quase uma década entre diversos lugares na região metropolitana. Viveu em São Paulo, onde refinou a crítica às relações estabelecidas pelas dinâmicas de poder e politizou sua poesia, transformando-se em um escritor do cotidiano.

O poeta arrasta com cumplicidade o leitor, pois ele trata de cenas e fatos comuns, de pessoas que amam, sofrem, tem nome e sentem fome. Narra aqueles que se reconhecem em sua fala, que se sentem silenciados e tem dificuldades para projetar-se no mundo.

Miró faz da poesia sua resistência. Não acumulou bens materiais, tampouco selou trato com grandes editoras. Há trinta anos persiste vendendo seus livros de mão em mão, normalmente produzidos por conta própria, desafiando desanimadoras estatísticas. O retrato do escritor publicado por prestigiadas editoras, que é do homem branco, do sudeste, que normalmente já exerce lugar privilegiado de fala, reafirma a prática excludente no sistema literário. Trata-se da insistente tentativa de silenciar ou presumir desinteressante a narrativa de escritores que, como Miró, delatam estas e outras familiares injustiças.

Quando encontrou na poesia o estímulo contra a precariedade vivida e a possibilidade de valorizar suas experiências, firmou-se poeta. Ao fazer a locução da realidade que vive, a construção de sua poética foi tornando-se cada vez mais a construção de seu espaço de luta. Miró transita em díspares mundos que ilustram a cidade de Recife e sua poesia é um espaço de reflexão social. Muribeca, Santo Amaro, Espinheiro, Recife Antigo, Bomba do Hemetério, Boa Vista, Boa Viagem.

O poeta que se relaciona com intimidade com a cidade, não caminha ao acaso. O escritor periférico, reconhecido no centro, é lembrado pelos versos contundentes que descrevem e narram um dia comum:

Recife
É o sol saindo
E o bandeira 2 anunciando seus mortos,
Foi 1 tiro lá na Linha do Tiro,
3 facadas na Bomba do Hemetério
Eu passando manteiga no pão
E pensando, quem será o próximo?
Mataram a pedradas
lá pras bandas do Coque
Encontrado enforcado
nas matas de Apipucos
Estupraram mais uma mulher
em Casa Amarela,
Sangra a periferia bem de manhãzinha
O café esfria de tanta dor
E o pior, é que não adianta chorar o leite derramado

Na literatura, Miró encontrou as ferramentas para análise de sua realidade, evidenciando as construções hierárquicas que sustentam as narrativas opressoras oficiais, ameaçando desestabilizar espaços privilegiados de fala. Seu trabalho se configura através da constatação dos conflitos sociais de sua realidade, da crítica à dicotomia do lugar do rico X pobre na cidade. Ser poeta, neste caso, é a possibilidade indispensável de dizer sobre si, seus pares, sobre a cidade, de fazer-se visível dentro desta estrutura e, sobretudo, garantir que estas memórias não caiam no esquecimento.

Tem horas que você olha em volta da
janela de um ônibus,
Os outdoors te olhando,
As mulheres sem juízo nas calçadas de
restos de feira
Mastigando pimentão podre
Um vermelho rasgando o céu da cidade de
Recife, um pouco antes das seis da tarde

O discurso poético adotado por Miró ilumina um aspecto social da cidade de Recife. Desloca da invisibilidade relações que não podem ser descritas se nem sequer são lidas. Se na cidade tudo significa, o olhar atento do poeta percorre as ruas como se percorresse páginas. A atividade de ler a cidade faz com que passe a existir esta grafia urbana como fio condutor do discurso. O poeta Miró, neste caso, é quem com delicadeza fala sobre o cotidiano das pessoas comuns que transitam na cidade:

O amor passou na tarde
Com a mão direita sobre o ombro de um
filho com síndrome de Down, em frente
ao edifício Roma, no coração fitness da Aldeota,
um jumento espera inquieto a
volta do seu dono que foi tomar uma
sopinha com pão, com o dinheiro das
migalhas que catou.
E eu fiquei tão emocionado,
que não consegui escrever mais nada

3. O Recife do poeta

A cidade é distinta da imagem da cidade. Na produção poética do Miró, pode-se observar que Recife não é uma cidade que só aporta beleza, e sim, que abriga inúmeros conflitos sociais. É recorrente o destaque que o poeta dá à exclusão vivida por muitos indivíduos em situação de pobreza e é a estes indivíduos que o poeta empresta sua voz.

No livro *Carne e Pedra*, no capítulo *Corpos Cívicos*, Sennett argumenta que, em geral, a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas a cada povo. Defende que nosso entendimento a respeito do corpo que temos precisa mudar, a fim de que, nas cidades multiculturais, as pessoas se importem umas com as outras.

No poema abaixo, podemos perceber que o poeta assinala justamente o descaso sistemático com a realidade social de parte da sociedade:

Tarde de céu azul.
Até aí, nada de novo,
(Dez ovo por 1 real)
Corpos estirados na capa da Folha,
Pessoas bebendo sangue
nas bancas de revista.
Visto da calçada,
O mundo pode até parecer ser tão lindo.
Sentado na cadeira do engraxate,
É bem provável
achar solução para essa escuridão
em que vivemos,
já que agora,
brilham pelas ruas teus sapatos.

O poeta que contextualiza locais na cidade com as relações que normalmente são estabelecidas, oferece ao leitor a possibilidade de conhecer uma cidade real. Distante das elucubrações e anseios do estrangeiro, distante das divulgadas datas comemorativas e marcos turísticos. Distante até mesmo de parte destes corpos que transitam na cidade, já anestesiados pelas dinâmicas excludentes da sociedade. Miró dá mais que pistas;

torna visível a brutalidade enfrentada pelo periférico dentro de uma capital, que desde o início da modernidade, é norteada por claros princípios desenvolvimentistas.

No poema *“Avenida Caxangáö*, o poeta descreve seu cotidiano no espaço urbano:

Lá vem o sol de novo
A chatear meus dias
Me jogando a pensar
Conjecturas
Pra onde vou
O que fazer
Falar o que
O que falar?
Agora chove,
Sombrinha e guarda-chuvas
Enfeitam calçadas
E o riso na cara
Do cara da funerária
Anunciando mortes e lucros

Se escrever a cidade é, sobretudo, lê-la, a cidade lida pelo poeta é permeada por injustiças, habitada por pessoas que moram nas ruas e manobrada por uma parte pequena que retém grande parcela da riqueza. A experiência urbana modula o olhar do poeta, que, por sua vez, entrega em versos a porrada que recebe ao se deslocar atento pela cidade.

Em sua obra, é notável a tensão revelada pelos confrontos no espaço urbano. No poema citado abaixo, o poeta que se reconhece como quem escreve a realidade, ilustra a violência cotidiana contra os negros do bairro periférico Coelhos e o descaso de uma classe média que ocupa determinados espaços da cidade, sem se atentar a estes abismos.

Lá vai Recife
Num mais um fim de tarde
As águas do Capibaribe cor de sangue
Nos ombros dos negros
que moram nos Coelhos
Unhas na lama e a classe média
comendo ostras
de frente ao Acaiaca

A leitura individual feita por meio da subjetividade do poeta fundamenta-se em suas experiências pessoais e vivências e, por consequência, na memória. Entretanto, o sujeito inserido na sociedade não reproduz uma memória estritamente individual e sim coletiva. Se o espaço da memória é o espaço vivido, o poeta narra a vida de seus pares, com quem divide perspectiva e vivência.

4. Literatura e experiência urbana

A relação entre literatura e experiência urbana já foi abordada por muitos escritores, inclusive alguns consagrados como Baudelaire, Walter Benjamin e Calvino. Baudelaire definiu a figura do *flanêur* pela primeira vez como o indivíduo que observa a vida urbana e os dinamismos da sociedade, a fim de experimentá-la.

A representação e a imagem da cidade de Recife, elementos recorrentes na obra de Miró, são resultados do exercício de se deslocar e observar minuciosamente seu funcionamento, seus condicionamentos sociais, políticos e econômicos.

Esta experiência urbana revela como cada indivíduo é afetado pelas diferentes dinâmicas que a vida urbana apresenta. Drummond cantou Minas, Manoel de Barros sussurrou o mato. Miró, proposto como guia no início deste artigo, apresenta a cartografia simbólica de seu Recife:

Cidade das pontes
e das fontes
de miséria.
Poetas mendigando passes
pra voltar pra casa.
E sua poesia
passando despercebida,
aliás
nem passa

A literatura exerce importantes funções tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. Uma das funções é evitar a ameaça de esquecimento que cai sobre todas as formas de experiência não registradas. Neste espaço de reflexão, a poesia é ferramenta para pensar a realidade. Mapear seus sentidos, sua paisagem, suas múltiplas vozes e grafias, é uma operação poética em busca de compreender a cidade através da escrita e a escrita através da cidade.

A cidade para quem nela reside é paisagem inevitável. Transitar nela é buscar respostas, mesmo que nos encantemos com sua beleza ou que vivamos em situações aterrorizantes. A análise de nossas vivências, o exercício de narrar nossas memórias através das relações com o presente, a ação insistente do homem, modificando cotidianamente a realidade, resulta em um processo contínuo de desestruturação das antigas estruturas de poder.

Analisar a obra do poeta Miró, a fim de compreender a relação entre cotidiano, condição social e sua produção poética, é perceber de que forma sua condição de vida e

os conflitos provenientes desta condição, conjugada às relações de poder estabelecidas nas dinâmicas sociais, orienta seu exercício poético.

Toda poesia tem uma dimensão política. Como diz Augusto de Campos, o poeta, em essência, está em estado de greve. Sofre os impactos de seu contexto e não pode ficar indiferente a eles. Colocar em relevo essas relações é romper o elo da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social. É romper o vínculo entre os critérios de exclusão social e os critérios de exclusão estética e reforçar a construção de narrativas que amplifiquem o discurso do periférico e garantam seu direito à fala.

Cabe-nos iluminar o tema discutindo de que maneira estas relações e questões podem contribuir para o registro deste tempo, destes indivíduos, destas perspectivas da cidade. O espaço literário é um espaço em disputa, inevitavelmente relacionado a um contexto social. Ocupá-lo com a reflexão destas relações e hierarquias é contribuir para mudanças significativas deste espaço.

Referências

- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: OURO SOBRE AZUL, 2006.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado**. Belo Horizonte: NO PRELO, 2012.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LUCAS, Fábio. **O caráter social da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1976.
- MIRÓ (Pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro. **Miró até agora**. Recife: FUNDARPE, 2013.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia & Utopia: Sobre a função social da poesia e do poeta**. São Paulo: ESCRITURAS, 2007.
- SENNETT, Richard. **O carne e a pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad. Marcos Aarão Reis. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SOARES, Camilo. **Poesia mesa de bar e goles decadentes: descaminhos de três poetas marginais do Recife**. Recife: Nectar, 2012.
- SOUZA, Jessé. **A Ralé brasileira: Quem é e como vive**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

ZIMA, Pierre. Literatura e Sociedade: Para uma sociologia da escrita. In VARGA, A. Kibédi. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Ed. Presença, 1981.